

OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA NOVA PROPOSTA COM A TEORIA DO ENSINO DESENVOLVIMENTAL

Cinara Rejane Viana Arantes¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender métodos de alfabetização e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, que configura atualmente como um fracasso e que continuará a ser um assunto a discutir e uma dificuldade a resolver. Este problema existe na falta de entendimento e compreensão de como utilizar os métodos de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, com o agravante de tempos pós-pandêmicos com aulas remotas, que ocorreu por dois anos consecutivos, sem a presença da pessoa do professor e sem as atividades lúdicas. As teorias para o processo de alfabetização são importantes, mas algumas podem colaborar com novos caminhos para essa educação, a exemplo da Teoria do Ensino Desenvolvimental que, por meio de seus métodos e metodologias, fornece ao aluno meios e oportunidades de desenvolver seu raciocínio psíquico e cognitivo para que consiga pensar sobre um problema e resolvê-lo de forma a elaborar conceitos próprios sobre o conteúdo a ser aprendido. Por intermédio da Teoria do Ensino Desenvolvimental e com os fundamentos teóricos de Davidov, é possível compreender as transformações que o ensino pode promover nos aspectos psicológicos individuais e o tipo de desenvolvimento mental que resulta nos indivíduos do processo de interiorização dos conceitos científicos e, em Vygotsky, que permeia todo o processo psíquico e as fases de desenvolvimento infantil. A tarefa de estudo é um dos principais instrumentos para o processo de ensino desenvolvido pela Teoria, pois é por meio dela que o professor desenvolve seu trabalho pela mediação, para possibilitar as condições e os meios de pensamento no processo de interiorização que possam ser alcançados pelos alunos, tomando por fundamento Libâneo e Freitas (2019). Debater os métodos de alfabetização com

¹ Doutoranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Humanidades - Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GOIÁS.

a Teoria do Ensino Desenvolvimental permite aos professores possibilitar que os alunos passem pelo processo de abstração, generalização e formação de conceitos pela via das operações mentais que passa por interpretação lógica formal. A metodologia se baseia numa pesquisa bibliográfica que permite o debate sobre os métodos de alfabetização com a própria Teoria do Ensino Desenvolvimental e sua compreensão como uma nova alternativa no processo de alfabetização, uma nova proposta de ensino e aprendizagem que leva ao desenvolvimento do pensamento pela abstração e generalização. Os pensamentos científicos levam à formação de conceitos empíricos e a essência dos objetos toma lugar das aparências e das características externas desses instrumentos de estudo e se torna um método de alfabetização que permite a escola proporcionar um campo de conhecimentos gerados pela própria sociedade em que ela está inserida e que permite aos professores o desenvolvimento de conteúdos teóricos que estimulem o pensamento dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO. ENSINO E APRENDIZAGEM. TEORIA DO ENSINO DESENVOLVIMENTAL.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender métodos de alfabetização e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, que configura um dos maiores problemas para nossa pesquisa, pois, atualmente, a alfabetização é um fracasso e continuará a ser um assunto a discutir e uma dificuldade a resolver, ainda mais agravado em tempos pós-pandêmicos, nos quais os alunos tiveram aulas remotas por dois anos consecutivos. A fundamentação teórica destes estudos foi baseada em Vygotsky, Davídov, com seus experimentos didáticos pela Teoria do Ensino Desenvolvimental, e em Libâneo e Freitas, Nóvoa e Magda Soares. Podemos dizer que todas as teorias para o processo de alfabetização são importantes, mas algumas podem colaborar com novos caminhos para essa educação, a exemplo da Teoria do Ensino Desenvolvimental que, por meio de seus métodos e metodologias, favorece ao aluno meios e oportunidades de desenvolver seu raciocínio psíquico e cognitivo para que consiga pensar sobre um problema e resolvê-lo de forma a elaborar conceitos próprios sobre o conteúdo a ser aprendido. Por intermédio da Teoria do Ensino Desenvolvimental, Davídov se preocupou em mostrar as transformações que o ensino pode promover nos aspectos psicológicos individuais e o tipo de desenvolvimento mental que resulta nos indivíduos do processo de interiorização dos conceitos

científicos, o que nos leva a almejar esse tipo de desenvolvimento como resultado a ser alcançado nesta pesquisa.

Passamos, então, a refletir sobre o processo histórico do ensino na alfabetização e suas bases metodológicas. Desde o período do Brasil Colônia, se fala em alfabetização e em formas para aprender as letras do alfabeto e decifrar palavras juntando as sílabas, dentro de uma explicação histórica definida por esse período cultural. Tal pensamento nos leva aos métodos em que a profissão docente e a história da educação atravessaram dentro de um movimento de secularização e de estatização do ensino, que era ministrado por professores submissos à Igreja e por outros professores laicos, que eram controlados pelo Estado.

Mesmo sabendo que desde o século XVIII os métodos de ensino vêm passando por revoluções, até hoje encontramos vestígios claros e cotidianamente aplicados em métodos extremamente tradicionais usados pelos padres no período colonial. A história da educação no Brasil nos mostra a evolução da pedagogia e com ela o desenvolvimento do modo de pensar os conceitos da alfabetização em nossa sociedade, o que é de extrema importância, pois, em se tratando de métodos de ensino, é relevante especificar suas principais características de forma que possamos fazer análises de aspectos que sejam ligados ao processo de ensino e aprendizagem associados à ação de ler e escrever.

No âmbito dos métodos da alfabetização, da trajetória de reflexões sobre a aprendizagem e o ensino da leitura e da escrita, ressignificadas pelas experiências em contextos escolares de alfabetização, bem como aguçadas pelos estudos e pesquisas feitos durante o curso de mestrado, passamos a relacionar o processo de alfabetização e seus métodos numa perspectiva histórico-crítica cultural. Isso faz com que associemos a alfabetização da leitura e escrita, segundo a Teoria do Ensino Desenvolvimental, numa perspectiva Davidoviana, que pode ser de grande relevância e, até mesmo numa visão otimista e pragmática, proporcionar o discernimento e a abrangência desse método de ensino para o processo de ensino e aprendizagem de nosso país.

Pela teoria de Davidov, voltada para o desenvolvimento humano, é difundida a ideia de que o enfoque no processo de ensino está centrado na abstração, generalização e formação de conceitos e corresponde a uma interpretação lógica formal dessas operações mentais (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215-216).

Dessa forma, trazemos alguns entendimentos sobre a Teoria do Ensino Desenvolvimental segundo o psicólogo e pedagogo Vasili Davidov, bem como as contribuições que ela apresenta para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, por meio de seus métodos e metodologias, que fornecem ao aluno meios e oportunidades de

desenvolver seu raciocínio psíquico e cognitivo para que consiga pensar sobre um problema e resolvê-lo, de forma a elaborar conceitos próprios sobre o conteúdo a ser aprendido.

Métodos de Alfabetização

Quando se fala em alfabetização, logo se pensa em aprender as letras do alfabeto e decifrar palavras juntando suas sílabas, e isso tem uma explicação histórica que é definida pelo período cultural que a história da educação nos explica. Esse pensamento nos leva ao período Brasil Colônia, em meados do século XVIII, em que a profissão docente e a história da educação passaram por um movimento de secularização e de estatização do ensino. De acordo com (NÓVOA, 1999, p. 15), a consistência dessa estatização está especificamente na substituição de professores que eram submissos a Igreja, por outros professores laicos que eram controlados pelo Estado. Dessa forma, essas novas estratégias, que foram adotadas pelo estado, fizeram a prolongação das formas e os modelos escolares elaborados sob o controle da Igreja e executados por um corpo de professores selecionados pelas autoridades estatais. Houve, assim, a substituição de professores que eram submissos à Igreja por outros professores laicos que eram controlados pelo Estado. Novos questionamentos levaram o Estado a fazer novas análises para traçar um novo perfil de professor ideal e, a título de exemplo, conforme Nóvoa (1999, p. 15) “Deve ser leigo ou religioso? Deve integrar num corpo docente ou agir a título individual? De que modo deve ser escolhido ou nomeado? Quem deve pagar o seu trabalho? Qual autoridade de que deve depender?”

No entanto, essa transferência do ensino da Igreja para o Estado não afetou em nada no que se referem às motivações, aos métodos, às normas e aos valores da profissão docente, pois “o modelo do professor continua muito próximo do modelo do padre” (NÓVOA, 1999, p. 15). O autor faz um movimento lógico e histórico da história da educação e, conseqüentemente, nos mostra o início das preocupações que revolucionaram o processo de ensino, o que fez com que os professores passassem a servir ao Estado. Conforme Nóvoa:

Inicialmente, a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras *congregações docentes*. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um *corpo de saberes e de técnicas* e um *conjunto de normas e valores* específicos da profissão docente (NÓVOA, 1999, p. 16).

Nesse sentido, já no século XVIII, os professores passaram a serem instituídos como corpo profissional pelo estado, o que possibilitou os reformadores desse período definirem regras uniformes de seleção e de nomeação de professores. Então, há o aperfeiçoamento dos instrumentos e das técnicas pedagógicas e a introdução de novos métodos de ensino, que até então eram métodos extremamente regidos pela igreja e seguidos pelos Jesuítas e que eram voltados a uma ética e a um sistema normativo e essencialmente religioso. Eram métodos extremamente tradicionais, com castigos agressivos aos alunos que não obedecessem às regras rígidas. Os alunos eram obrigados a memorizarem e decodificar sem erros o que era proposto.

Mesmo sabendo que, desde o século XVIII, os métodos de ensino vêm passando por revoluções, até hoje encontramos vestígios claros e cotidianamente aplicados em métodos extremamente tradicionais, usados pelos padres no período colonial, em que a história da educação no Brasil nos mostra a evolução da pedagogia e com ela o desenvolvimento do modo de pensar os conceitos da alfabetização em nossa sociedade.

Mas, afinal de contas, será que o professor hoje compreende o conceito de alfabetização? E como saber quando uma criança está alfabetizada? Nesse contexto, a autora Soares (2021) nos apresenta conceitos que nos levam a analisar o processo de ensino da ação de ler e escrever. No entanto, temos a aprendizagem da língua materna que influencia diretamente no processo de aquisição da língua oral e escrita, o que difere do processo de desenvolvimento da língua que nunca é interrompido. Estar alfabetizado vai muito além de todo este processo de aquisição e desenvolvimento da língua.

Hoje, encontramos professores e coordenadores que pensam de três formas: a primeira defende o conceito de alfabetização com significado de domínio da mecânica com habilidade de codificar e decodificar os símbolos da língua escrita em oral. Nesse sentido, a criança sabe ler e escrever juntando o $B+A = BA$ e $B+0 = BO$, formando, assim, BABO. Podemos considerar aqui que o aluno já sabe ler? Está alfabetizado? A representação de fonemas em grafemas que seria o ato de escrever e de grafemas em fonemas seria o ato de ler?

A segunda forma seria aquela que defende que o aluno que consegue apreender e compreender significados em língua escrita (ler), ou expressar se em língua escrita (escrever). Assim, a alfabetização seria um processo de compreensão e expressão de significados no qual o aluno consegue ler um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra, “em que o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante, visando à comunicação, à aquisição de conhecimento [...] à troca.” (KRAMER, 1982, p. 62 *apud* SOARES, 2021, p. 17).

Nesse sentido, os dois conceitos citados acima não são considerados pela autora como totalmente verdadeiros, pois, no primeiro, a língua escrita não é totalmente uma representação da língua oral, pois não se escreve como se fala, mesmo em situações formais, e não se fala como se escreve, mesmo em contextos informais. Já no segundo, os problemas de compreensão da expressão da língua escrita são diferentes da compreensão da expressão da língua oral, pois ambos são organizados de formas diferentes.

Porém, Soares (2021), no terceiro ponto de vista, traz uma oposição aos dois primeiros, que consideram a alfabetização como um processo individual. Nesse terceiro ponto de vista, considera-se o processo como um aspecto social, pois, segundo a autora, “a conceituação de alfabetização não é a mesma em todas as sociedades.” (SOARES, 2021, p. 19). Cada sociedade considera a idade em que a criança deve ser alfabetizada, o objetivo deste processo e o tipo de alfabetização para determinado grupo social. Cada uma possui seus objetivos quanto a este processo e dependem das funções atribuídas por cada uma delas para a língua escrita. Assim, Soares pontua que:

Dizer que uma criança de 7 anos “ainda é analfabeta” tem sentido em certas sociedades que alfabetizam aos 4 ou aos 5 anos; a frase não tem sentido em uma sociedade como a nossa, na qual não se espera que uma criança de 7 anos já esteja alfabetizada. Para um lavrador, a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes das funções e fins que esse mesmo processo terá para um operário de região urbana (SOARES, 2021, p. 19).

Em se tratando de métodos de ensino, é importante especificar suas principais características de forma que possamos realizar análises de aspectos que sejam ligados ao processo de ensino e aprendizagem associados à ação de ler e escrever. Nesse sentido, a Unesco² fala da alfabetização funcional e alerta para esse conceito de alfabetização social.

Assim, a autora observa que:

Em síntese: uma teoria coerente da alfabetização deverá basear-se em um conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem “mecânica” do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2021, p. 19).

² Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. A Unesco é uma agência da ONU fundada em 1945 que tem como objetivo a cooperação internacional para o desenvolvimento nas áreas da saúde, da cultura e da educação.

Podemos entender, nessas abordagens, que o processo de alfabetização, seja mecânica ou por meio de expressão e compreensão, e até mesmo com as determinantes sociais, que, na história da educação, houve a busca constante de um método de alfabetização. A partir de 1950, vimos que, a cada década, ansiava-se por um método que desse mais certo ou que fosse melhor do que outro. Soares (2021) nos mostra que, em 1950 e 1960, houve uma preocupação maior e que recaiu em 1970, decrescendo ainda mais em 1980 no que se refere a essas buscas e produções acadêmicas e científicas sobre alfabetização. Mas e hoje? Como está a procura por um método de alfabetização? Novamente Soares nos traz que:

O advérbio hoje, nestes parágrafos, refere-se ao momento em que a pergunta foi proposta e o texto produzido – 1990; entretanto, se a pergunta já não surpreendia, lamentavelmente continua não surpreendendo: passados mais de vinte e cinco anos, a questão do método de alfabetização ainda é uma pergunta, ainda constitui um impasse na área do ensino e da aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2021, p. 117).

E quando se fala que, apesar de já ter passado mais de vinte e cinco anos, significa que o fracasso na alfabetização ainda persiste, embora esse fracasso se configure de forma diferente, pois, no passado, nas décadas de 1950 a 1990, era visto esse insucesso por meio de avaliações internas da escola feitas somente nas séries iniciais. Já no início do século XXI, ele é denunciado por avaliações externas à escola, com avaliações estaduais, nacionais e até internacionais em todo o ensino fundamental e não mais somente nas chamadas “classe de alfabetização” do passado.

O método de alfabetização sempre foi um assunto a discutir, que apresenta dificuldade a resolver, tema a esclarecer, problema a deslindar, polêmica, objeto de divergência e desacordos. E o pior é a ambiguidade que tem atingido a expressão, em que manuais didáticos, cartilhas e artefatos pedagógicos recebem inadequadamente a expressão de métodos de alfabetização. Para (SOARES, 2021, p. 16), “entende-se por métodos de alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é o que comumente se denomina de alfabetização”.

Dessa forma, os métodos de alfabetização foram fundamentados em teorias e princípios até os dias atuais e se formam em dois grupos, cujo primeiro denominamos de sintético e o segundo de analítico.

Os métodos sintéticos são aqueles em que o processo de ensino se inicia a partir das partes para o todo, ou seja, partem da leitura dos elementos gráficos como as letras, sílabas,

palavras simples, palavras complexas, frases e textos. Este princípio de ensino é dividido em três perspectivas, que são: alfabético, fônico e silábico.

No método sintético alfabético, o ponto de partida são os nomes das letras, no fônico são os sons das letras e no silábico são as sílabas. Dessa forma, todos os três métodos partem da unidade linguística em direção à totalidade da palavra, ou seja, após reunir as letras ou os sons em sílabas é que se passa ao ensino da leitura de palavras, formadas por esses sons, letras e sílabas.

O segundo grupo, o analítico, tem como ponto de partida as palavras e sentenças, ou seja, vai do todo para as partes. Reconhece primeiramente as unidades maiores e depois que forem reconhecidas é que as unidades menores passam a ser analisadas isoladamente.

Os princípios analíticos são divididos em: palavração, sentencição, conto, estória e são chamados frequentemente de métodos globais. Na palavração, o processo de ensino parte da palavra e, depois de sistematizar os sons da língua e as dificuldades, formam-se as frases. Na sentencição, este método parte da frase para depois dividi-la em palavras e em sílabas. No conto, estória (global), é composto de várias unidades de leitura que apresentam começo, meio e fim. Em cada unidade, as frases estão ligadas pelo sentido para formar um enredo e há uma preocupação com o conteúdo contextualizado e interessante para a criança.

De acordo com o que ouvimos falar sobre alfabetização, ainda persistem as dúvidas ou a própria falta de conhecimento no que os professores têm exposto em suas falas, em função dos diversos pontos das mais variadas conclusões relacionadas aos métodos de ensino, bem como as inúmeras abordagens relacionadas ao processo de alfabetização. Diante disso, todas as teorias para o processo de alfabetização são importantes, mas algumas colaboram com novos caminhos para essa educação que é fundamental neste processo inicial de ensino e aprendizagem. A Teoria do Ensino Desenvolvimental pode ser de grande relevância e até mesmo numa visão otimista e pragmática proporcionar o discernimento e a abrangência do método de ensino para o processo de alfabetização, pois, pela abstração e generalização dos processos, todo e qualquer tipo de ensino pode ser mediado de forma que o aluno tenha condições de pensar e buscar solucionar problemas.

Nesse processo de interiorização do pensamento sobre os conteúdos, os alunos podem ter a oportunidade de formular conceitos e entender de forma concreta as ideias que eles mesmos podem criar. Dessa forma, podemos pensar numa nova possibilidade de método para o ensino em nosso país.

Teoria do Ensino Desenvolvimental

Desde que a educação começou a ser difundida no Brasil pela igreja católica para a alfabetização, a metodologia de alfabetização é utilizada de forma extremamente intuitiva e tradicionalista, fato que persiste até os dias atuais e não consegue definir um método de ensino que possibilite ao aluno refletir por si mesmo e passar por processos que estimulem o pensamento sobre o conteúdo a ser estudado. O processo de ensino vinculado às metodologias e aos métodos propostos perpassa por ações pedagógicas voltadas a uma perspectiva intuitiva, de memorização e repetitiva que, mesmo quando se fala estar desenvolvendo uma didática voltada para um método ou outro, sempre perpassam pelo modelo tradicionalista. Na alfabetização, é importante deixar que o aluno pense e busque solucionar problemas no que se refere aos sons de letras, às palavras escritas com comparações, abstrações e generalizações, usando a leitura e a escrita.

Sabemos que passamos por um período de pandemia do Covid-19 e os alunos passaram a ser alfabetizados pelo ensino remoto. Assim, o que já era um problema ficou ainda mais agravado depois da pandemia. Mediante as dificuldades que o processo de ensino e aprendizagem vem passando, principalmente na fase da alfabetização das séries iniciais do ensino fundamental, passamos a refletir e buscar novas possibilidades de ensino que possam ajudar a recuperar a aprendizagem que passou a ser um percalço para a educação de nosso país.

Assim, no retorno às aulas presenciais, depois da pandemia, numa turma do terceiro ano do ensino fundamental, na Escola do Ensino Fundamental Rural “Vale do Rio Doce” do município de Rio Verde do Estado de Goiás, percebe-se que as dificuldades estavam realmente muito além do que se pensava. A realidade era de alunos no terceiro ano, sem saber escrever o próprio nome e nem reconhecer as letras do alfabeto, ou sequências numéricas, com nível de aprendizagem de Educação Infantil. Dessa forma, vimos outras turmas e conversamos com professores, gestores e coordenadores de outras escolas e os percalços na leitura e escrita estavam nítidos também.

Então, surgiu o pensamento de uma nova possibilidade de ensino que fosse capaz de fazer com que os alunos pudessem pensar sobre a escrita de uma forma crítica e mais significativa. Desse modo, nasceu o interesse da pesquisadora em colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos estudos e pesquisas da dissertação de mestrado, apresentada em 2021. A pesquisa bibliográfica nos fez entender a importância que a Teoria do Ensino Desenvolvimental apresenta para o processo de ensino e aprendizagem do educando. Mas, afinal, o que essa Teoria pode contribuir e o que ela apresenta para o ensino da alfabetização?

Dessa forma, trazemos alguns entendimentos sobre a Teoria do Ensino Desenvolvimental segundo o psicólogo e pedagogo Vasili Davidov, bem como as

contribuições que ela traz para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização. De acordo com essa teoria, os profissionais da educação, principalmente os pedagogos, possuem a responsabilidade de se atentarem para a tarefa da escola, pois é um instrumento de ensino que não deveria ser um processo de transmissão de fatos somados e conhecidos, mas de ensinar os alunos a pensar por meio de informações científicas. Pela Teoria do Ensino Desenvolvimental, Davidov organiza o ensino de forma que impulse o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes pela formação de conceitos teóricos (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 213).

Começamos a pensar em como é visto o problema do conhecimento no ensino escolar e, partindo dessa visão o psicólogo Davidov (1982,1988 *apud* ROSA, 2019), como ele apresenta questões filosóficas e sociológicas a respeito da estrutura lógico-histórica da cultura e da ciência que se relacionam com discussões sobre a lógica científica e as formas de organização das disciplinas e dos conteúdos escolares. Esse pensamento nos permite compreender as transformações que o ensino pode promover nos aspectos psicológicos individuais e o tipo de desenvolvimento mental que resulta nos indivíduos do processo de interiorização dos conceitos científicos.

De acordo com Davidov (1988), a tarefa de estudo é um dos principais instrumentos para o processo de ensino desenvolvido pela Teoria, pois é por meio dela que o professor desenvolve seu trabalho pela mediação, para possibilitar as condições e os meios de pensamento no processo de interiorização que possam ser alcançados pelos alunos.

Davidov (1988) desenvolveu, nessa teoria, a didática desenvolvimental, tendo como foco as ações pedagógicas dos professores para que os alunos consigam desenvolver ferramentas intelectuais de aquisição de conhecimentos e modo de pensar pela abstração, generalização e a formação de conceitos. A formação do pensamento reflexivo, a criatividade, a análise profunda das relações essenciais, presentes nos conceitos estudados e nos seus vínculos com a realidade, na compreensão ampla das diversas formas de pensamento e ação inerentes aos vários tipos de conhecimentos, são aspectos importantes que devem estar presentes nos métodos elaborados para desenvolver as tarefas de estudo.

A didática desenvolvimental foi desvelada pelos estudos e experimentos de Davidov. Para especificar melhor, os autores apresentam três ideias centrais voltadas para esse processo pedagógico, onde a escola possui a responsabilidade maior em apoiar o aluno na aquisição do saber, seguindo os critérios básicos numa gestão pedagógica que organize o ensino, juntamente com os professores, para que aconteça uma alfabetização voltada para o desenvolvimento humano. De acordo com Libâneo e Freitas (2019):

[...] a) A escola consiste em ajudar o aluno a apropriar-se dos conhecimentos produzidos pela humanidade, sendo a base do ensino o conteúdo, do qual são derivados os métodos e as formas de organização do ensino; b) o conteúdo deve ser apresentado na forma de conhecimento teórico e sua apropriação visa à formação do pensamento teórico-conceitual; c) os conhecimentos referem-se a métodos de pensamento para a obtenção de modos gerais de resolver problemas, portanto o ensino visa formar no aluno os procedimentos do pensar (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 217).

Na alfabetização, a didática desenvolvimental consiste em formular métodos e metodologias de ensino que possam conduzir ao processo do pensamento sobre a escrita, de forma que leve o aluno a descobrir e investigar. Os métodos devem ser elaborados pelo professor e preparados de forma que a mediação seja o ponto de ligação entre o conteúdo científico e o pensamento, a busca de solução de problemas.

Para Libâneo e Freitas (2019), a generalização, a abstração e a formação de conceitos são os métodos próprios da Teoria do Ensino Desenvolvimental e são poucas as pesquisas que abordam a prática no desenvolvimento dessas propostas, sem contar que mesmo os poucos professores que vêm buscando utilizar a teoria, apresentam dificuldades de assimilação e execução desse processo.

Na generalização, o professor deve iniciar o processo por meio da aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes a situações reais do cotidiano, procurando contextualizar com a vida, cultura e o meio social dos alunos. Nesse sentido, deve ocorrer uma sequência de ações didáticas que motivam o aluno a querer deduzir, buscar respostas, aplicando o que aprende nas aulas por intermédio da tarefa de estudo, pela necessidade e vontade de resolver os problemas propostos voltados para a vida prática dos alunos com uma sequência pedagógica. Ainda Libâneo e Freitas temos que:

[...] os estudantes transferem automaticamente para a vida cotidiana os conceitos abstratos aprendidos na aula; o professor passa a matéria, os estudantes aprendem e aplicam o aprendido; a aprendizagem deve ocorrer dedutivamente, ou seja, a teoria antes a prática – o professor faz as generalizações para o aluno; a aprendizagem relevante é aquela voltada para a vida prática, que desenvolve competências para a vida cotidiana; para aprender bem é preciso exercitar, treinar as faculdades mentais como memória, atenção, vontade (SAWREY; TELFORD, 1971, p.166; MOULY 1973, p. 293 *apud* LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215).

Assim, o processo de alfabetização pode ser conduzido de forma que a generalização das palavras, letras ou o que for relacionado ao conteúdo seja apresentado de forma a estimular

o interesse, a vontade e a necessidade. Dessa forma, o professor “propõe e organiza a observação dos alunos, orientando para a análise e a comparação de semelhanças entre os objetos com base em seus elementos externos e aparentes e, em seguida, em suas diferenças” (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215). Ao mediar os objetos com as observações dos alunos, o próximo passo nesse processo didático, é selecionar as qualidades comuns aos objetos para, assim, os alunos pensarem, investigarem e chegarem à definição do conceito expresso em uma palavra.

A partir do conhecimento empírico do aluno, ou seja, dos saberes práticos de sua vida cotidiana, do conhecimento cultural e social, o professor faz a mediação para que o conhecimento científico seja definido por meio do conceito formado pelo estudante. Mas para se chegar a esse processo todo é necessário que o professor crie métodos e metodologias didáticas, pegando os conteúdos, formulando as tarefas de estudo através da atividade criada pelo docente. É muito importante o papel dos conteúdos nesse processo, pois são eles que possibilitam dar significado à essência da atividade de estudo e que proporcionam ao aluno possibilidades de pensar. Dessa forma, entende-se que o ensino desenvolvimental promove as potencialidades intelectuais dos alunos, utilizando os métodos da abstração e generalização, o que leva a formação do pensamento teórico.

A Teoria do Ensino Desenvolvimental como novo método de alfabetização

Diante dos métodos que foram apresentados, passamos a entender as características principais de cada um deles, seus aspectos e propósitos para a alfabetização. Vimos as alternâncias metodológicas que esses processos possuem e a necessidade de especificar melhor como a Teoria do Ensino Desenvolvimental pode contribuir com o processo de alfabetização em relação ao ensino limitado da aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico da escrita.

Soares (2022) atribui duplo sentido para o enunciado método em questão, que pela língua portuguesa a palavra questão pode ser entendida como assunto a discutir ou, mais que isso, uma dificuldade a resolver: “[...] métodos de alfabetização como tema a esclarecer, problema a deslindar; de outro, questão como controvérsia, polêmica – métodos de alfabetização como objeto de divergências, desacordos” (SOARES, 2022, p. 16).

Nesse sentido, vimos o quanto a palavra método pode causar dúvidas e indefinições, pois a ambiguidade tem contaminado esse termo principalmente quando acrescido de alfabetização. Podemos perceber o quanto essa expressão denominada por método de alfabetização pode ser confundida pelos professores alfabetizadores e coordenadores pedagógicos, ao serem questionados sobre quais são adotados e usados pela unidade escolar.

Alguns não sabem responder, outros nem sabem definir os conceitos dessa expressão, há aqueles que nem sabem quais são os métodos que realmente foram experimentados e comprovados cientificamente como métodos de alfabetização. Mas porque isso acontece? Por que tantas dúvidas?

As dúvidas que surgem em torno dessas questões trazem vários aspectos que nos levam a fazer análises acerca de alguns cenários atuais os quais vivenciamos no processo de ensino e aprendizagem e, especificamente, aqui neste artigo, aqueles voltados para a alfabetização. Mas foi desde o final da década XIX que a questão dos métodos de alfabetização é um problema e muito além de uma dificuldade a resolver. Conforme Soares (2021):

[...] pode-se agora afirmar que a questão dos métodos de alfabetização, em um e outro dos dois sentidos da palavra questão, anteriormente indicados, é histórica, não é uma ocorrência atual. Esteve presente, em nosso país, ao longo da história dos métodos de alfabetização, pelo menos desde as décadas finais do século XIX, momento em que começa a consolidar-se um sistema público de ensino, trazendo a necessidade de implementação de um processo de escolarização que propiciasse às crianças o domínio da leitura e da escrita. Como consequência da indefinição de como garantir esse domínio, o método para a aprendizagem inicial da língua escrita tornou-se, já então, uma questão, no primeiro sentido da palavra – uma dificuldade a resolver; e como consequência de diferentes respostas sugeridas para essa dificuldade o método tornou-se, também já então, uma questão, no segundo sentido da palavra -, um objeto de controvérsias e polêmicas. Uma questão que atravessou o século XX e ainda persiste, recebendo, ao longo do tempo, sucessivas pretensas “soluções”, em um movimento, analisado por Mortatti (2000), de contínua alternância entre “inovadores”: um “novo” método é proposto, em seguida é criticado e negado, substituído por um outro “novo” que qualifica o anterior de “tradicional”; este outro “novo” é por sua vez negado e substituído por mais um “novo” que, algumas vezes, é apenas o retorno de um método que se tornara “tradicional” e renasce como “novo”, e assim sucessivamente (SOARES, 2021, p. 16-17).

Mediante todas essas alternâncias metodológicas que começaram a ocorrer no Brasil no final da década IX, entendemos que seja um aspecto muito influente para que as dúvidas e ambiguidades sobre a questão dos métodos sejam mais difíceis de se entender. Antes dessa década, não se achava relevante ter um método para se alfabetizar, pensava-se que aprender apenas as letras e seus nomes e, depois que se aprendiam o alfabeto, combinavam-se as consoantes e vogais, formando sílabas até chegar às palavras e às frases. Após este aprendizado,

partia-se para o valor sonoro das letras e sílabas, perpassando, assim, para o método fônico e silábico que são denominados sintéticos, como dito anteriormente. Aqui o professor transmite o conhecimento pronto e o aluno memoriza e repete os sons das letras, das sílabas, sendo apenas um receptor de informações para guardar e codificar quando solicitado.

Na Teoria do Ensino Desenvolvimental, podemos trazer o método da abstração e generalização em comparação com o método sintético e analítico de alfabetização, que não se preocupa em passar aos alunos uma soma de fatos conhecidos, como apresentação de letras, sílabas, fonemas e grafemas para serem guardadas na memória; a teoria possibilita que o aluno abstraia pelas análises de conjuntos de escritas que podem se relacionar entre si através da generalização. Dessa forma, o professor indica, faz relações juntamente com os alunos e aplica com várias situações em que a criança seja estimulada e auxiliada a descobri-las por si mesmas, o que podemos chamar de transferência (MOULY, 1973, p. 296 *apud* LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215). Mas como pode acontecer esse processo de transferência na prática de sala de aula? Nesse sentido, Libâneo e Freitas afirmam que:

A transferência, em seu sentido mais simples, refere-se à aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes a situações reais cotidianas. Essa noção pode ser, também, facilmente constatada na prática dos professores em todos os níveis de ensino, pela presença de entendimentos como: os estudantes transferem automaticamente para a vida cotidiana os conceitos abstratos aprendidos na aula; o professor passa a matéria, os estudantes aprendem e aplicam o aprendido; a aprendizagem deve ocorrer dedutivamente, ou seja, a teoria antes da prática – o professor faz as generalizações para o aluno; a aprendizagem relevante é aquela voltada para a vida prática, que desenvolve competências para a vida cotidiana; para aprender bem é preciso exercitar, treinar as faculdades mentais como memória, atenção, vontade [...]. Como se pode constatar, a noção de generalização presente na tradição da didática e da psicologia educacional refere-se aos modos de ensinar conhecimentos empíricos (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215).

Para desenvolver o método da Teoria do Ensino Desenvolvimental na prática de sala de aula, o professor apresenta a tarefa de estudo e organiza a observação dos alunos que, no caso da alfabetização, faz-se por intermédio de mediações com objetos externos à sala de aula vindos do seu cotidiano. A título de exemplo, a apresentação de uma série de nomes de coisas selecionadas pelos próprios alunos e, logo após, o professor organiza as palavras de acordo com o objetivo a ser ensinado. Os alunos devem selecionar as palavras que possuem ou se parecem umas com as outras tanto na escrita quanto na pronúncia, mas isso deve ser descoberto

por eles próprios após uma metodologia planejada e mediada pelo professor. De acordo com Libâneo e Freitas:

Nesses modos segundo Davidov (1988), no processo de generalização e formação de conceitos, o professor propõe e organiza a observação dos alunos, orientando para a análise e a comparação de semelhanças entre os objetos com base em seus elementos externos e aparentes e, em seguida, em suas diferenças. Finalmente, faz-se a seleção das qualidades comuns aos objetos e, com isso, se chega à definição do conceito expresso em uma palavra. Para o autor, a função principal da generalização conceitual empírica no ensino é a utilização de regras de ação (LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 215).

Essas regras de ação empregadas a um objeto ou situação concreta devem ser usadas de acordo com uma referência previamente vista a uma determinada classe comum que deve ser observada pelo professor. Após essa observação, procede-se à organização em cada caso concreto e singular pela generalização que possibilita separar os traços relacionados, importantes e homogêneos de umas e outras classes gerais ou objetos. (DAVIDOV, 1988, p. 102 *apud* LIBÂNEO; FREITAS, 2019, p. 216).

Nesse sentido, os alunos têm a possibilidade de passar pelo processo de abstração, generalização e formação de conceitos por intermédio do processo de operações mentais que passa por interpretação lógica formal. Seus pensamentos científicos levam à formação de conceitos empíricos, nos quais devem usar somente os dados sensoriais captados diretamente dos dados sensoriais dos objetos observados. A essência dos objetos toma lugar das aparências e das características externas desses instrumentos de estudo.

Dessa forma, a Teoria do Ensino Desenvolvimental se torna um método de alfabetização que permite a escola proporcionar um campo de conhecimentos gerados pela própria sociedade em que ela está inserida. Aos professores, ela possibilita o desenvolvimento de conteúdos teóricos que estimulem o pensamento dos alunos para que eles, através desses conhecimentos adquiridos por esse método de alfabetização, sejam capazes de chegar à resolução de problemas e sejam estimulados, cada vez mais, no processo de pensar.

Considerações finais

Quando se fala em alfabetização, logo se pensa em aprender as letras do alfabeto e decifrar palavras juntando as sílabas, e isso tem uma explicação histórica que é definida pelo período cultural que a história da educação nos explica. Esse pensamento nos leva ao período

Brasil Colônia, em meados do século XVIII, em que a profissão docente e a história da educação passaram por um movimento de secularização e de estatização do ensino.

Os métodos de ensino vêm passando por revoluções, até hoje encontramos vestígios claros e cotidianamente aplicados de métodos extremamente tradicionais usados pelos padres no período colonial, em que a história da educação no Brasil nos mostra a evolução da pedagogia e, com ela, o desenvolvimento do modo de pensar os conceitos da alfabetização em nossa sociedade.

Hoje, encontramos professores e coordenadores que pensam de três formas: a primeira defende o conceito de alfabetização com significado de domínio da mecânica com habilidade de codificar e decodificar os símbolos da língua escrita em oral. A segunda forma seria aquela que defende que o aluno que consegue apreender e compreender significados em língua escrita (ler), ou expressar em língua escrita (escrever). O terceiro ponto de vista vem em oposição aos dois primeiros, que consideram a alfabetização como um processo individual.

Podemos entender, nessas abordagens sobre o processo de alfabetização, seja mecânica ou por meio de expressão e compreensão, e até mesmo com as determinantes sociais, que, na história da educação, houve a busca constante de um método de alfabetização.

Sabemos que passamos por um período de pandemia da Covid-19 e os alunos tiveram que frequentar aulas remotas por dois anos consecutivos, e o que já era um problema ficou ainda mais grave depois da pandemia. Mediante as dificuldades que o processo de ensino e aprendizagem vem passando, principalmente na fase da alfabetização das séries iniciais do ensino fundamental, passamos a refletir e buscar novas possibilidades de ensino que possam ajudar a recuperar a aprendizagem que passou a ser um percalço para a educação de nosso país.

Surge, assim, o pensamento de uma nova possibilidade de ensino que seja capaz de fazer com que os alunos possam pensar sobre a escrita de uma forma crítica e mais significativa. Nasceu o interesse de colocar em prática a Teoria do Ensino Desenvolvimental que apresenta um novo processo de ensino e aprendizagem do educando, uma teoria de desenvolvimento humano com um processo de ensino voltado para a abstração, generalização e formação de conceitos que corresponde a uma interpretação lógica formal dessas operações mentais, de acordo com Libâneo e Freitas (2019).

A tarefa de estudo é um dos principais instrumentos para o processo de ensino desenvolvido pela Teoria do Ensino Desenvolvimental, pois é por meio dela que o professor desenvolve seu trabalho de mediação, para possibilitar as condições e os meios de pensamento no processo de interiorização que possam ser alcançados pelos alunos.

A formação do pensamento reflexivo, a criatividade, a análise profunda das relações essenciais, presentes nos conceitos estudados e nos seus vínculos com a realidade, compreensão ampla das diversas formas de pensamento e ação inerentes aos vários tipos de conhecimentos, são aspectos importantes que devem estar presentes nos métodos elaborados para desenvolver as tarefas de estudo.

Na alfabetização, a didática desenvolvimental consiste em formular métodos e metodologias de ensino que possam conduzir ao processo do pensamento sobre a escrita de forma que leve o aluno a descobrir e investigar, com métodos elaborados pelo professor e preparados de forma que a mediação seja o ponto de ligação entre o conteúdo científico e o pensamento, a busca de solução de problemas.

Para desenvolver o método da Teoria do Ensino Desenvolvimental na prática de sala de aula, o professor apresenta a atividade de estudo e organiza a observação dos alunos que, no caso da alfabetização, faz-se por mediações com objetos externos à sala de aula, vindos do seu cotidiano.

Nesse sentido, os alunos mergulham nos conhecimentos científicos que levam à formação de conceitos empíricos por meio do método da Teoria do Ensino Desenvolvimental que, além de proporcionar aos professores um avanço nos conteúdos teóricos, permite aos alunos um pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas, fator fundamental e estimulante para o processo de pensar.

Referências

- LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel A. Marra da Madeira. Abstração, generalização e formação de conceitos no processo de ensino aprendizagem. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano (Orgs.). **Ensino Desenvolvimental: Sistema Elkonin-Davídov-Repkin**. Livro II. Campinas, SP: Mercado das Leras. Uberlândia, MG: Edufu, 2019.
- NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Coleção Ciências da Educação, 2ª edição, Porto, 1999, 192 p.
- ROSA, Sandra Limonta Valéria. Lógica dialética e formação do pensamento teórico no Sistema Elkonin-Davídov: apontamentos para uma reflexão sobre a organização da atividade de estudo. *In*: PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano (Orgs.). **Ensino Desenvolvimental: Sistema Elkonin-Davídov-Repkin**. Livro II. Campinas, SP: Mercado das Leras. Uberlândia, MG: Edufu, 2019.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: A Questão dos Métodos**. 1. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo:

Contexto, 2022, 384 p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 1. Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021, 192 p.